

O desafio da escrita: fundação e gestão de periódicos por mulheres no Rio Grande do Norte (1900-1930)

Manoel Pereira da Rocha Neto^(*)
Isabel Cristine Machado de Carvalho^(**)
Laís Karla da Silva Barreto^(***)

Resumo

O artigo aborda a presença de mulheres empreendedoras na imprensa do Rio Grande do Norte no início do século XX, território até então masculino. Investigamos os exemplares disponíveis de diversos jornais e entrevistas. Essas editoras, entre elas Úrsula Garcia e Dolores Cavalcante, extrapolaram barreiras numa época em que as mulheres vivam destinadas ao espaço privado.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Jornais. História. Gestão. Empreendedorismo.

The challenge of writing: foundation and management of newspapers by women in Rio Grande do Norte (1900-1930)

Abstract

The article addresses the presence of entrepreneurial women in the Rio Grande do Norte press at the beginning of the twentieth century, until then male territory. We investigated the available copies of several newspapers and interviews. These publishers, among them Ursula Garcia and Dolores Cavalcante, extrapolated barriers at a time when women live in private space.

Keywords: Gender. Newspapers. History. Management. Entrepreneurship.

O presente artigo é parte dos resultados do projeto de pesquisa intitulado Uma busca nos arquivos: a história da imprensa norte-rio-grandense, que teve como objetivo traçar perfis de jornais e jornalistas, entre as quais mulheres que escreveram e fundaram jornais nas primeiras décadas do século XX (1900-1930) estado do Rio Grande do Norte.

Docentes e alunos bolsistas do curso de Jornalismo da Universidade Potiguar (UnP) empreenderam a pesquisa visando recuperar a memória, reconstituir a trajetória dos jornais para disponibilizar material de pesquisa para professores, pesquisadores, historiadores e estudante de jornalismo, além de fomentar a pesquisa na área da Comunicação Social no Rio Grande do Norte.

^(*) Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e docente da Escola de Comunicação e Artes e do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Potiguar (UNP). E-mail: manueto@yahoo.com.

^(**) Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e docente da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Potiguar (UNP). E-mail: isabelcristine@unp.br.

^(***) Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e docente do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Potiguar (UNP). E-mail: laisbarreto@unp.br.

Para a concretização deste trabalho foram realizadas pesquisas em acervos públicos e particulares, entre eles o acervo do historiador Manoel Rodrigues de Melo, localizado no Solar João Galvão de Medeiros Filho, como também foram analisados exemplares de jornais do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Foram consultados também documentos, jornais e livros raros em diversas bibliotecas como a Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Zila Mamede; a Biblioteca da Universidade Potiguar, Campus da Nascimento de Castro e as bibliotecas particulares do historiador Francisco Anderson Tavares e do pesquisador Joabel de Souza e alguns exemplares disponíveis no CERES da Universidade Federal do Rio Grande do Norte da cidade de Caicó (RN).

Contribuíram também com este projeto os discentes do curso de Jornalismo. Parte da coletânea dos textos foi produzido pelos alunos da disciplina História do Jornalismo e Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Potiguar (UnP).

O recorte temporal da pesquisa foi a primeira metade do século XX, enfatizando o pioneirismo das mulheres na escrita jornalísticas, ora como poetisas, cronistas ou articulistas. Destacamos neste artigo os primeiros jornais produzidos e gerenciados por mulheres numa época em que o espaço destinado á mulher era o privado, ou seja, o lar. Essas mulheres quebraram tabus, venceram barreira e modificaram os paradigmas de seu tempo atuando e gerenciando jornais no Nordeste brasileiro, em especial, no Rio Grande do Norte, Estado eminentemente de vanguarda no tocante à luta pelos direitos das mulheres.

Segundo Gomes (2004, [sp]), “a maioria dessas mulheres se destacou no magistério, nas letras, nas artes, na moda e no Jornalismo. Neste fizeram a opção pelo gênero opinativo da crônica e do artigo, assinados com pseudônimos, provavelmente como forma de proteção contra o julgamento público”. Essa era uma prática comum entre os intelectuais, sobretudo mulheres que ainda não tinham liberdade para transitar nas redações dos jornais, ambiente considerado na época como espaço masculino.

De acordo com Duarte (2005), “dentre os ilustres nomes que fizeram a história das mulheres no Brasil, na conquista de seus direitos civis e políticos, um nome sonoro se destaca e se impõe – Nísia Floresta Brasileira Augusta.” (DUARTE, 2005, p.13). Nísia Floresta configura-se com a primeira mulher do Brasil a lutar pelos seus direitos publicamente. Nísia Floresta Brasileira Augusta era o pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto que nasceu no interior potiguar em 1810 (DUARTE, 2005). Sua atuação na vida

pública extrapolou os limites impostos pela sociedade de outrora, vencendo preconceitos e conquistando espaços.

Sobre a prática cultura do uso de pseudônimo era uma maneira que os intelectuais e literatas utilizavam para resguardar suas identidades, sobretudo no que se refere à temas polêmicos para a época. De acordo com Gomes (2009, p. 173), “essa prática de usar pseudônimo era bastante comum na imprensa, desde o século XIX. Era um subterfúgio para se resguardar, em uma determinada situação, tanto o homem, quanto a mulher”.

Sua presença também é evidenciada nos escritos jornalísticos, visto que Nísia Floresta transitou também na imprensa, escrevendo em jornais da grande imprensa. “Entre essas mulheres estava dona Dionísia Gonsalves Pinto (conforme consta no Assento de batismo na Igreja de Papari), uma das primeiras cronistas brasileiras, reconhecida como Nísia Floresta Brasileira Augusta ou simplesmente Nísia Floresta” (GOMES, 2004, [sp]).

No Rio Grande do Norte, o primeiro periódico surgiu um pouco mais tarde, em 1832, através do idealismo do Padre Francisco de Brito Guerra, por meio do jornal O Natalense, este considerado o pioneiro da imprensa norte-rio-grandense. No tocante à participação de mulheres na imprensa local, destaca-se a figura de Úrsula de Barros Garcia, no Jornal O Rio Grande do Norte, em 1890, e de um grupo de mulheres que editaram jornais manuscritos e culturais como o Jornal A Esperança e O Sonho, em Ceará-Mirim (RN); as primas Palmyra Wanderley e Carolina Wanderley, em Natal; as professoras Georgina Pires e Dolores Diniz, em Caicó (RN), com um grupo de moças que imprimiu no Jornal das Moças (1926-1932) as primeiras técnicas jornalísticas na imprensa femininos naquela cidade e, por fim, a contribuição de Maria do Céu Pereira Fernandes, a primeira deputada do Brasil, e que também foi responsável pelo jornal O Galvanópolis, na cidade de Currais Novos (RN). Essas mulheres foram responsáveis pelas primeiras escritas e pelas primeiras participações femininas na imprensa norte-rio-grandense.

Primeiras mulheres, primeiros escritos, primeiros desafios

Desde outrora, com participação de Nísia Floresta, atuando na imprensa e quebrando paradigmas a mulher no Rio Grande do Norte se destacou atuando na imprensa e gerenciando jornais. Segundo Duarte (2005), “Nísia Floresta deve ter sido uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos

em jornais da chamada grande imprensa” (DUARTE, 2005, p.13). Seus textos foram publicados nos periódicos por meio de crônicas, poesias, ensaios e contos (DUARTE, 2005). Desse modo, essa poetisa potiguar configura-se como uma das primeiras mulheres no Brasil a participar da imprensa escrita. Ela foi à frente do seu tempo, da condição que a mulher estava destinada, o casamento e os afazeres domésticos. Nísia Floresta foi além, “residiu em diversas cidades como Olinda, Recife, Porto Alegre e Rio de Janeiro, antes de se mudar para a Europa e residir na França, na Itália e em Portugal, até falecer, em 1885, em Bonsecours, arredores de Rouen” (DUARTE, 2005, p. 14).

Todavia, o destaque no que se refere a presença de mulheres no fazer laboral do jornalismo destaca o nome de Úrsula Barros Garcia. Segundo Gomes (2004, [sp]), “Cerca de cinquenta e nove anos depois da estreia de Nísia Floresta no jornalismo, a escritora Úrsula Barros Garcia ultrapassou a condição de leitora, para atuar como articulista no semanário político Rio Grande do Norte (1890-1896).”

Desse modo, Úrsula Garcia, como era mais conhecida, inaugura de fato a participação da mulher no meio jornalístico do Rio Grande do Norte, escrevendo artigos, crônicas no jornal O Rio Grande do Norte (1890-1896), de propriedade do seu pai. “O acesso de Úrsula à redação aconteceu por concessão do diretor do jornal, seu pai, o Dr. Francisco Amorim Barros” (GOMES, 2004, [SP]).

O historiador e folclorista Luís da Câmara Cascudo cita o nome de Úrsula de Barros, a sua obra Livro das Velhas Figuras:

Úrsula Garcia escreveu muitos artigos de fundo, muita crônica sacudida, muito suelto crpítico comentados como sendo dos primeiros jornalistas da cidade. Só a família e os mais íntimos sabiam quem era a verdadeira origem dessa prosa percuciente e clara que a todos encantava (CASCUDO, 1977).

Sobre o perfil dessa jornalista, Flores (2014) destaca que além de colaboradora do Jornal, ela também era poetisa e filha de figuras ilustres do vizinho estado do Ceará e que, posteriormente, vieram fixar moradia no Rio Grande do Norte. “Poetisa, cronista, ensaísta, Úrsula da Costa Barros de Amorim Garcia nasceu em Aracati (CE), no dia 3 de março de 1864, filha do Dr. Francisco de Amintas da Costa Barros, importante juiz e político, e de Rita Garcia da Costa Barros” (FLORES, 2014, p.355). Teve acesso aos estudos na sua cidade natal e veio ainda menina para Natal.

Além de sua atuação na imprensa do Rio Grande do Norte, na qual não se encontram registros dos seus escritos nos acervos, deixou a cidade de Natal após ficar

viúva no ano de 1891, indo morar na capital pernambucana “onde colaborou com a revista mensal O Lyrio, cuja redatora-chefe era Amélia Freias Beviláqua. No almanaque de lembranças Luso-brasileiro, nos anos de 1902, 1905 e 1906, também se registra a participação da escritora” (FLORES, 2014, p.355-356).

No início do século XX, publicou uma obra literária intitulada Livro de Bela, não tendo muita repercussão no meio literário local. “Faleceu no dia 26 de julho de 1905, vítima de uma varíola hemorrágica, tendo sido sepultada, a seu pedido, em Natal. Postumamente, foi publicado O Livro da Saudade” (FLORES, 2014, p.355-356).

A participação de Úrsula Garcia no cenário da imprensa potiguar se configurou como uma nova possibilidade para as mulheres letradas atuarem nesse cenário, até então privilégio masculino. Esses foram os primeiros passos para um caminho que se iniciava. Essas mulheres foram ousadas e empreenderam os primeiros desafios, como os jornais pioneiros, até então feitos a mão, ou seja, manuscritos. Era uma nova esperança, era um sonho que acabara de se concretizar nas primeiras décadas dos anos de 1900.

A esperança (1903): manuscritos des mulheres de outrora

A cidade de Ceará-Mirim foi palco dos primeiros jornais manuscritos do Rio Grande do Norte, dentre eles o Jornal ‘A Esperança’, editado por um grupo de mulheres professoras como Adelle de Oliveira, Etelvina Antunes, Maria Carolina de Araújo Maciel, liderado pelas duas professoras escritoras e editoras Maria Dolores Bezerra Cavalcanti e Izaura Carrilho. De acordo com Gomes (1999), essas mulheres tinham como objetivo divulgar, por meio do jornal, a produção literária feminina daquela cidade.

A editora da ‘A Esperança’, “Maria Dolores Bezerra Cavalcanti (1885-1968) nasceu no Engenho Ilha Grande, também conhecido pelo nome de Cajazeiras, localizado no município de Ceará-Mirim/RN (o local continua a existir), a 22 de abril de 1885” (MELO, 2002, p.3). Ela era filha do Sr. João Bezerra Cavalcanti e da senhora Hermelinda Bezerra Cavalcanti. Sendo criada desde pequena por sua tia Dona Josefa Bezerra Cavalcanti [...]” (MELO, 2002, p.3).

Dolores viveu sua infância em Ceará-Mirim até por volta de 1892. Saiu de sua cidade origem para outros centros, permitindo-lhe o confronto com outras culturas. Estudou em colégios particulares, onde teve uma primorosa educação, bem nos moldes do que se esperava de uma jovem de boa situação financeira (MELO 2002, p. 3).

Circulou pela vida pública como docente e mulher letrada, juntamente com a sua amiga Izaura Carrilho. A pesquisadora Gomes (1999, p. 33) revela que “as jovens professoras Izaura Carrilho e Dolores Cavalcanti ao produzir e fazer circular a folha de notícias ‘A Esperança’, talvez não tivessem consciência de que estivessem construindo um marco histórico do jornalismo feminino do Rio Grande do Norte”.

‘A Esperança’ era noticioso e de periodicidade mensal com folhas dobradas e soltas com forma de caderno (GOMES, 1999). A edição do Jornal A Esperança, em 1903, representa para a participação da mulher na imprensa local com um periódico que foi responsável para trilhar os caminhos das mulheres no jornalismo do Estado. De acordo com Gomes (1999), outras folhas periódicas vieram à tona como A Distração, em Caicó (RN), produzida por Alzira Monteiro, Quininha Gurgel, entre outras moças; A Infância, editada por Tudinha Nóbrega, ambas em 1909 (GOMES, 1999).

Na edição de A Esperança, datada de 25 de março de 1903, Gomes (1999), destaca que a folha manuscrita era um canal de comunicação entre as mulheres, era um jornal que objetivava o diálogo entre mulheres intelectuais.

Um jornal feminino no seu sentido mais amplo, produzido por mulheres e destinados às mulheres, tratando de assuntos de interesse das próprias mulheres e revelando leitoras que trocavam experiências através dessas práticas de escrita (GOMES, 1999, p. 62).

De acordo com Gomes (1999), A Esperança era um jornalzinho “mimoso” e sua linguagem era considerada suave e amena. No jornal manuscrito as mulheres atuavam e escreviam seus textos com a intenção de expressar seus sentimentos e os pensamentos vigentes da mulher daquele tempo.

No jornal A Esperança havia textos manuscritos de características informativas, notas sobre a sociedade de Ceará-Mirim e textos de saudações que tinham como objetivo registrar os acontecimentos sociais do referido município como enlances matrimoniais, batizados, primeira eucaristia, viagens de figuras ilustres e outros acontecimentos de envergadura daquela comunidade.

Gomes (1999) assinala que o jornal tinha características artesanais e, apesar disso, a folha apresentava algumas nuances e características de um esboço de um projeto editorial, mesmo sendo um jornal feito à mão, ou seja, redigido pelas professoras e intelectuais que buscavam avanços na sociedade.

Nos seus estudos sobre o jornal Gomes (1999) analisou cerca de 54 exemplares disponíveis de A Esperança, e verificou que a folha teve poucos avanços no que se refere ao aspecto visual e gráfico. Gomes (1999) assinala que as editoras tinham uma certa maturidade ao inserir na A Esperança temáticas mais polêmicas e mais factuais como a condição da mulher na sociedade, a educação, o trabalho. A autora ainda constatou que na coleção pesquisada, nem sempre houve uma regularidade na periodicidade, visto que ele era redigido. Gomes (1999) confirma que, às vezes, nas edições seguintes tal fato era justificado deixando transparecer alguma descontinuidade nas edições.

Por fim, a autora Gomes (1999, p.108) confirma que “por ser um informativo pioneiro torna-se um projeto relevante, pelo seu caráter precursor de uma imprensa feminina que estava se esboçando e pelo interesse de mulheres em experimentar o novo meio de informação social”. E finaliza, agradecendo a oportunidade de estudar o jornal, que segunda ela, foi produzido com carinho, trabalho e espírito depreendido.

Neste periódico estudado não fizemos apenas uma viagem ao passado. Estivemos lá para iniciar o reconhecimento da imprensa feminina que pretendemos continuar a buscar em outros periódicos, transformados em documento históricos que sirvam como referencial para o entendimento do sentido da existência de uma imprensa específica e especializada para as mulheres, no RN (GOMES, 1999, p. 109).

O jornal A Esperança inaugurou uma nova época da presença de mulheres na imprensa norte-rio-grandense, se configurando um jornal de vanguarda e inovador para o seu tempo, mesmo com características amadoras e precárias, contribuiu para a presença dos escritos de mulheres no campo do jornalismo e da literatura, era o sonho se concretizando numa época de muitos desafios para as mulheres.

O sonho (1908-1910) que se tornou realidade por meio de adelle oliveira

A cidade de Ceará-mirim, além da circulação do Jornal A Esperança, também foi o cenário do periódico, também manuscrito, e fundado por mulheres. O jornal se intitulava como O Sonho, ou seja, o sonho das mulheres em empreenderem suas ideias e opiniões. Possivelmente os títulos desses jornais considerados pequenos e manuscritos representam o desejo intrínseco dessas mulheres na busca de conquistar mais espaços na sociedade. Desse modo, o título do jornal A Esperança possivelmente era a representação de dias melhores para as mulheres numa sociedade patriarcal e machista. O sonho de

novas conquista também é latente no título da folha manuscrita, fundada pelo educadora Adelle Sobral de Oliveira, que também havia colaborado no jornal A Esperança, juntamente com Dolores Cavalcanti e Izaura Carrilho.

O jornal O Sonho, por sua vez, circulou no período de 07 de setembro de 1905 a novembro de 1910. Era uma folha manuscrita em papel pautado e possui duas colunas (GOMES, 2009). A professora Adelle Oliveira era responsável pela gestão e redação dos textos do jornal, juntamente com um grupo de mulheres como Etelvina Antunes; Adelaide de Melo e Dolores Cavalcanti, entre outras. Sobre o perfil da fundadora do jornal, que também transitava na literatura por meio de poesia. Sobre o perfil da fundadora do O Sonho, Flores (2014, p.15) assinala: “Poetisa, Adelle Sobral de Oliveira, filha de João Henrique de Oliveira e Ana Sobral de Oliveira, nasceu em 22 de maio de 1884, em Villar, lugarejo do município de Ceará-Mirim. Os pais migraram para Belém do Pará, quando Adelle tinha cinco anos, e lá permaneceu durante dez anos. ”

Durante sua estada na capital paraense Adelle Oliveira conviveu e vivenciou o apogeu econômico da região norte do Brasil por causa da borracha. Esse cenário de uma cidade com ares de modernidade e cosmopolita possivelmente influenciou e ampliou os seus horizontes no tocante à condição da mulher moderna. De acordo com Flores (2014, p.15), “nesse período, ela viveu num ambiente cosmopolita, pois a cidade vivia o auge do ciclo da borracha. ” Todavia, Adelle Oliveira, por causa da doença do seu pai, teve que regressar a Ceará-mirim em viagem de navio, esta causou-lhe um grande trauma em virtude do falecimento do seu pai. “A família, por motivo de doença do pai, regressou ao Rio Grande do Norte, tendo este falecido durante a viagem e o corpo sido sepultado no mar, como era praxe em caso de morte durante viagens marítimas” (FLORES, 2014, p.15-16).

De volta a sua cidade, ela se dedicou às letras e ao magistério, contribuindo para a formação da sociedade letrada daquela cidade. Ao escrever no jornalzinho manuscrito, Adelle Oliveira utilizava a prática do pseudônimo para preservar sua identidade. Os seus poemas eram assinados com vários pseudônimos, todavia por causa da semelhança dos seus textos com sua vida de educadora, era possível associar e revelar a autoria de alguns poemas. De acordo com Gomes (2009, p.173), “Adelle de Oliveira assinava com vários pseudônimos: Elleda, Délia, Gaud, Délia Maltez, O.M., Grimaneze d’Oliveira, A.O. e DM.”

Sobre os textos veiculados na folha manuscrita eles são classificados de opinativos, literários, informativos, críticos, poesias, contos, notas jornalísticas, entre

outros. Todavia, também foram registrados nas páginas do jornal *O Sonho* temáticas como a vida em família, desilusões de amores não correspondidos, o valor da amizade, a luta pelos direitos da mulher, como também o dia a dia da cidade de Ceará-Mirim, entre outros assuntos.

Sobre seus poemas é possível revelar uma mulher sensível e religiosa, adepta de leituras de literatas nacionais. De acordo com Flores (2014, p. 16), “seus poemas revelam sensibilidade, uma formação religiosa e segura, amplo conhecimento e a leitura de poetas de seu tempo, como Vicente Carvalho, Olavo Bilac e Raimundo Correa. “Era uma mulher sintonizada com o seu tempo e deseja mais espaço para as mulheres, mesmo residindo em uma cidade interiorana e atrelada aos paradigmas vigentes de outrora. Adelle Oliveira deseja ir além do espaço privado atuando na imprensa de sua cidade. Ela deseja também registrar os seus escritos. “Deixou transparecer aos mais íntimos o desejo de publicar um livro, porém declarou que se não conseguisse publicá-lo em vida, queria que os seus escritos fossem queimados” (FLORES, 2014, p.16).

Suas práticas são lembradas até hoje por familiares, ex-alunos e historiadores como uma mulher intelectual. Além da fundação do *O Sonho* e a sua produção literária, essa mulher também foi uma exímia educadora:

Adelle dedicou sua vida ao magistério na sua cidade, sendo lembrada como uma professora exemplar. Dirigiu e foi redatora de *O Sonho*, jornal manuscrito, onde eram publicados escritos exclusivamente femininos e que tinha como secretária Tarcilla de Carvalho e Erlinda Carvalho. Também colaborou com diversos jornais, entre eles. *O Lyrio*, *O diário de Natal*. *O tempo*, *Correio da Semana* e *A Razão [...]*” (FLORES, 2014, p.16).

O jornal *O Sonho* foi uma folha manuscrita que traduzia o desejo e o anseio das mulheres educadoras da primeira década do Século XX, em que o espírito de modernidade de suas editoras, em especial, da fundadora do jornal contribuiu para ampliar os horizontes e das práticas culturais de um grupo de mulheres sob a direção de Adelle Oliveira, que “faleceu no dia 15 de agosto de 1969, aos 85 anos, em Ceará-Mirim. A sua vontade, felizmente, não foi obedecida e, em 2002, foi lançado *Álbum de versos antigos*, organizado por *Ciro Tavares*” (FLORES, 2014, p.16).

O sonho de Adelle Oliveira encontra-se registrado na história do jornalismo feminino do Rio Grande do Norte e seus escritos são provas concretas que essas mulheres do interior eram inovadoras e empreendedoras, mesmo atuando de modo sutil e simples numa época em que à mulher destinava-se o espaço do lar.

Palmyra Wanderley e Carolina Wanderley embarcam na via-láctea (1914-1915)

No ano de 1914, na capital potiguar, duas jovens intelectuais, empreenderam uma nova modalidade jornalística, a revista literária Via Láctea, até então uma pequena folha. A nova revista era editada, produzida e dirigida pela poetisa Palmyra Wanderley e sua prima Carolina Wanderley. De acordo com Carvalho (2012), elas enveredaram na seara do jornalismo concretizando o sonho de uma geração de intelectuais e docentes que almejavam participar da vida social e cultural de seu tempo e do seu espaço de socialização.

De acordo com Carvalho (2012), a redatora, sob o pseudônimo de Fanette, utilizado por Carolina Wanderley, na edição do mês de novembro de 1914, revela para os leitores a ideia inicial para empreender a revista:

Em Natal assola atualmente a febre dos jornais. Raro é o domingo que a voz dos garotos não nos anuncia um novo jornal. Foi participando dessa influência da época, que uma noite convidei a Myriam¹, para fundarmos um jornal: seria manuscrito e apenas sairia aos domingos que nós mesmas leríamos (VIA-LÁCTEA, n. 1, nov. 1914, p. 4)

A iniciativa, a princípio, tímida e sob forte influência da efervescência dos jornais, que cresciam e circulavam a todo momento pelas ruas da cidade, acaba ganhando proporções mais audaciosas (CARVALHO, 2012). De jornal, a Via-Láctea passou à revista:

Já me esquecera da Via-Láctea, quando uma tarde soube da surpresa que minha amiga resolvera transformá-la numa revista e publicá-la brevemente. Tinham-lhe prometido encarregar-se da parte material; animaram-na e ela decidira mesmo ser fundadora da primeira revista de senhoritas, na Capital (VIA-LÁCTEA, n. 1, nov. 1914, p. 4).

Surgia, então, uma revista impressa em papel tamanho ofício de publicação mensal, de oito páginas, com duas colunas em cada uma delas. Nascia, em outubro de 1914, o primeiro veículo impresso feminino do Rio Grande do Norte, configurando uma publicação inovadora, uma vez que muitos periódicos eram manuscritos. Mostrando conhecer o funcionamento e a distribuição das categorias dos jornalistas, elas se organizavam em editoras, redatoras e colaboradoras. Palmyra Wanderley e Carolina

¹Apesar das pesquisadoras Constância Lima Duarte e Diva Cunha não identificarem o pseudônimo de Myriam como utilizado por Palmyra Wanderley, indícios apontam esta relação, uma vez que “a execução do projeto” pertence a Palmyra e Carolina Wanderley.

Wanderley eram as editoras e redatoras. Elas revisavam e selecionavam o material que seria publicado na revista, bem como produziam os principais textos. As demais jovens atuavam como colaboradoras (CARVALHO, 2012).

Palmyra Wanderley preocupada com a educação da mulher daquela época, na quinta edição da revista publica o texto intitulado A emancipação da mulher e no sexto número escreve o artigo A educação da mulher. Ambos assinados pelo pseudônimo Ângela Marialva. Este tema aparece na seção intitulada Prosas ligeiras, onde também são publicadas notas acerca de acontecimentos locais e breves comentários sobre a “Via-Láctea”. Essa seção esteve presente, da edição número um ao número quatro, ocupando o espaço da última página (CARVALHO, 2012).

De acordo com Duarte e Macêdo (2003, p. 17), “a impressão da revista era realizada na Tipografia Comercial J. Pinto & Cia, localizada na Ribeira. Cada número apresentava uma cor de papel diferente”. A Via-Láctea registra o sucesso das assinaturas através de suas colunas e seções. A quantidade impressa já não era suficiente para a demanda solicitada, “a tiragem de trezentas revistas, se fora maior, teria chegado a satisfazer todos os pedidos de compra e assinatura”. Teve boa aceitação pelos leitores e sua repercussão foi registrada pela imprensa natalense e paraibana daquela época (CARVALHO, 2012).

A fundadora da revista era também poetisa, nascida em Natal, no dia nasceu em Natal, no dia 06 de agosto de 1894, “filha de Celestino Carlos Wanderley e de Anna Guimarães Wanderley. Iniciou os estudos no Colégio Imaculada Conceição de Natal, tendo ido, em seguida, para o Recife estudar no Colégio das Damas Cristãs, uma das mais tradicionais instituições de ensino para as meninas” (FLORES, 2015, p.302).

Sua atuação na imprensa extrapolou as fronteiras do Rio Grande do Norte, seus textos foram encontrados em múltiplos jornais da capital potiguar como o Jornal A República, Diário de Natal, Tribuna do Norte e na revista Cigarra. De acordo com Flores (2005), “também foi colaboradora de diversos jornais de vários Estados brasileiros, entre eles, A Imprensa, A República e A União, do Rio de Janeiro; Revista Feminina e Revista Moderna, de São Paulo; Paladina do Lar, da Bahia e Estrella, do Ceará” (FLORES, 2015, p.302).

Sobre o seu perfil de literata, publicou a sua primeira obra, Esmeralda, no ano de 1918. Na década de 1920, por sua vez, lançou o livro intitulado Roseira Brava, em 1929, que recebeu a menção honrosa da Academia Brasileira de Letras.

Contribuiu também para o teatro com a opereta Festa das cores, dentre outros textos teatrais. Foi sócia fundadora da Academia Norte-rio-grandense de Letras, tendo ocupado a cadeira número 20, que tem como patrona Auta de Souza. Segundo Tristão de Ataíde, foi a maior poetisa do nordeste do seu tempo. Casou quando tinha 46 anos com Raimundo de França, funcionário dos Correios e Telégrafos. Morreu em 18 de novembro de 1978 (FLORES, 2014, p.302).

“Participou ativamente da vida social de sua época, tendo escrito muitos versos para ocasiões especiais, o que contribuiu para que fosse considerada “a poetisa oficial” de Natal” (FLORES, 2014, p.302). Todavia seus últimos dias foram de ostracismo e esquecimento. Essa poetisa e jornalista morreu em 19 de novembro de 1978, esquecida e sem muitos recursos, vítima de insuficiência cardiorrespiratória e vascular (CARVALHO, 2012).

Sua prima, por sua vez, a poetisa, Maria Carolina Wanderley nasceu em 4 de janeiro de 1891, na cidade de Assú, era filha de Luiz Carlos Lins Wanderley Filho e de Maria Amélia Wanderley. Carolina teve acesso às letras e era também uma mulher letrada.

Formada pela Escola Normal de Natal em 1911, lecionou na sua cidade natal e depois em Natal no colégio Frei Miguelinho. Colaborou com diversos jornais e revistas do Estado, como A Cigarra e o Diário de Natal. Em 1914, com a prima Palmyra Wanderley e outras escritoras, fundou a Via Láctea, a primeira revista feita por um grupo feminino e destinada especificamente às mulheres. O livro de poesia Alma em versos (1919) foi sua primeira publicação e anos depois saiu Rimário Infantil (1926), dedicado ao público infantil, contendo pequenas peças teatrais e poemas. Parte de sua obra encontra-se apenas registradas em jornais e revistas em que a escritora colaborou. Fez parte do grupo que fundou a Academia Norte-rio-grandense de Letras e assumiu a cadeira número 6, cujo patrono é seu avô. Em 25 de agosto de 1975, faleceu em Assú (FLORES, 2014, p.74-75).

As editoras Palmyra Wanderley e Carolina Wanderley produziram e editaram um total de oito números, que circularam de outubro de 1914 a junho de 1915, deixando de sair apenas no mês de abril. Entretanto, as pesquisadoras Duarte e Macêdo (2003, p. 18) assinalam que “mais alguns números — pelo menos quatro — foram publicados”. Infelizmente, não tivemos acesso aos últimos exemplares que circularam posteriormente.

O material reunido e publicado na Via-Láctea revela as vozes silenciadas pelo tempo, as dificuldades e a trajetória dessas mulheres em busca de novos horizontes. (CARVALHO, 2012). Apesar do pouco tempo de vida, a publicação possivelmente influenciará os próximos veículos direcionados ao público feminino, como por exemplo, o “Jornal das Moças” (1926-1932), em Caicó, no interior norte-rio-grandense.

GEORGINA PIRES E DOLORES DINIZ: PRESENÇAS NO JORNAL DAS MOÇAS (1926-1932)

Um grupo de mulheres empreenderam no interior do Rio Grande do Norte uma folha feminina inovadora e com padrões do jornalismo da época. O Jornal das Moças (1926-1932), foi um veículo inovador fundado pela professora Georgina Pires e sob a gerencia de Dolores Diniz e com a colaboração de várias mulheres da sociedade local como Júlia Augusta Medeiros, Santinha Araújo entre outras.

A folha era uma publicação semanal e iniciou-se no dia 07 de fevereiro de 1926, na cidade de Caicó (RN), colaboravam também para o jornal os senhores Renato Dantas, Janúncio Bezerra da Nóbrega e José Gurgel de Araújo. O jornal era do tipo tabloide, com cerca de três colunas em cada página – as primeiras edições tinham o formato de duas colunas apenas – e impresso em papel jornal, com folhas soltas dobradas em forma de caderno, o periódico mantinha uma redação permanente e sua distribuição era avulsa nas bancas e por assinatura. De acordo com Melo (1987, p.28), as assinaturas do Jornal das Moças tinham “os seguintes valores; anual: 10 mil réis; semestral: 8 mil réis; trimestral: 4 mil réis e a venda avulsa, 200 réis. ”

O tabloide caicoense já utilizava técnicas jornalísticas, como a diagramação e tinha como epígrafe: Literatura, humorismo e crítica. O sucesso do jornal perdurou até o ano de 1932. De acordo Monteiro (1999, p.82), ao suspender a circulação do jornal, naquele ano, suas dirigentes deram um balanço no caixa e encontraram um saldo de 120 mil réis, que foi assim distribuído: 100 mil réis para os pobres da localidade de São Vicente e 20 mil réis para Manuel Rodrigues Filho, o tipógrafo do jornal.

Fundar um jornal que tivesse como objetivo de socializar e participar da vida social e intelectual da região do Seridó potiguar foi o desejo da professora Georgina Pires. Seu perfil empreendedor e ousado para os padrões sociais do seu tempo não foi tarefa fácil aos 24 anos de idade. A referida educadora nasceu em Caicó, no dia 13 de julho de 1902, era filha de Serafina de Araújo Pires Ferreira e do médico José da Silva Pires Ferreira. A edição inaugural do ‘Jornal das Moças’, através da coluna intitulada ‘perfil’, assinada pela colega e colaboradora e redatora que utilizava o pseudônimo de ‘Violeta’, trouxe uma homenagem à fundadora do jornal.

Quando vai à igreja, com seu porte de rainha, os seus olhos claros, grandes cismadores, tem o esplendor das cousas infinitas! Sua tez morena e acentinada, suas mãos cruzadas sobre o peito, seus lábios murmurando uma oração, têm o palor das santas quando oram. Os seus dentes lembram as lindas pérolas de Ophyr. Alma de criança, coração feito para o amor; ama com delírio o seu ideal, sonho querido de sua mocidade (JORNAL DAS MOÇAS, 07/02/1926, p.4).

A editora Georgina Pires formou-se na Escola Normal da Paraíba, situada em João Pessoa, em 1920. Fora incentivada pelo seu pai. Depois retornou a Caicó onde foi lecionar no Colégio Santa Teresinha do Menino Jesus, da Congregação Filhas do Amor Divino.

Georgina Pires também deixou o Jornal das Moças para se casar. A edição de 15 de agosto de 1926 registra que o Sr. Janúncio Bezerra da Nóbrega, futuro marido de Georgina, viajava para a sua terra natal, a cidade de Acari (RN), com o objetivo de participar da festa da padroeira daquele município, qualificando-o como colaborador do jornal: “ A fim de assistir a festa da padroeira de Acari, seguiu na segunda feira última (09 de agosto de 1926), o Sr. Janúncio Bezerra, um dos talentosos colaboradores desta folha (JORNAL DAS MOÇAS, 15/08/1926, p.2).

O enlace aconteceu no dia 22 de fevereiro de 1927, na Igreja matriz de Caicó. Após o casamento, Georgina Pires dedicou-se a sua família. Inicialmente permaneceu em Caicó, em seguida muda-se para Mossoró (RN) e depois Acari (RN). Georgina Pires teve onze filhos, dos quais oito se criaram. Georgina Pires faleceu em Natal, no dia 25 de junho de 1990, aos 88 anos.

Essa professora teve uma trajetória de vida pautada nas reivindicações dos direitos das mulheres, ao fundar o Jornal das Moças, veículo irradiador dos pensamentos femininos em busca de conquistar direitos sociais e se fazer ouvir pela sociedade nordestino-grandense. Como também ao desempenhar as suas práticas pedagógicas ao lecionar Geografia no Colégio Santa Teresinha.

À frente do Jornal das Moças cumpriu o seu papel, junto com as demais colaboradoras, ao propagar as suas ideias e críticas com relação às normas sociais vigentes naquele período. Mesmo optando em viver para a sua família, sempre fez o que tivera vontade e transitou nos dois polos distintos: o público e o privado.

A fundadora do Jornal das Moças era ousada e tinha uma visão empreendedora à frente da maioria das mulheres caicoenses. Um grupo de mulheres, juntamente com Dolores Diniz e Georgina Pires, fez o uso do periódico para propagar os pensamentos e o desejo das mulheres do Seridó norte-rio-grandense em conquistar cidadania.

A gerente do Jornal das Moças, Dolores Diniz, por sua vez, desempenhou sua função à frente do jornal, juntamente com a professora Georgina Pires. O jornal das Moças era um jornal com características de uma pequena empresa para os padrões da época. Essa visão empreendedora e ousada exigiu desse grupo de mulheres dedicação e perseverança para administrar um jornal pequeno, mas com aspectos voltados para as práticas de mercado, como por exemplo, uma página exclusivamente voltada para anúncios publicitários. Sobre os seus textos Dolores Diniz descreve, em um dos artigos, a sua visão sobre a mulher: “Não creio, como muita gente, que é preciso ter os lábios e faces bem pintados, elegância, pose de melindrosa, ou quaisquer desses predicados que exige a vaidade exagerada; tudo isso pode desaparecer na continuação do tempo [...]”. (JORNAL DAS MOÇAS, 04/04/1926, p.3).

Ainda sobre a mulher ela assinala no jornal: “O encanto da mulher consiste unicamente em ser virtuosa. Pode concorrer também em certo ponto de vista, a polidez, a modéstia limitada, simplicidade dos modos, não cultivada por isso nenhuma vaidade” (JORNAL DAS MOÇAS, 04/04/1926, p.3). De acordo com depoimentos e entrevistas de seus familiares e amigos, ela era simples, elegante, gentil, sorridente e idealista. A gerente da folha nasceu em Caicó, no dia 05 de outubro de 1901, filha do Sr. Sabino Policarpo Diniz e da Sra. Maria Benigna Vale.

O Jornal das Moças, de 28 de fevereiro de 1926, publicou o perfil de Dolores Diniz: “Pequenina, gentil e faceira. Nos seus lábios mimosos e coralinos, vive sempre a adejar um sorriso feiticeiro. Olhos negros, como a noite escura, têm lampejos de estrela e às vezes languidez de amor [...]” (JORNAL DAS MOÇAS, 28/02/1926, p.4).

Aos 15 anos, Dolores Diniz já redigia para um jornalzinho manuscrito intitulado A Escola (1916-1917), órgão comprometido com a educação das crianças da cidade de Caicó. Sua atuação na imprensa desde jovem imprimiu uma visão empreendedora e de vanguarda.

Atuando como gerente desde a fundação do Jornal das Moças, Dolores Diniz deixou o jornal em virtude de seu casamento com um comerciante da cidade, Aderson Soares, este era dono de uma loja de tecidos, de curtume e do Hotel Avenida, em Caicó. Em 7 de agosto de 1926 o Jornal das Moças publicou uma nota com o título Dolores Diniz: “A todas que trabalham neste jornal causou sincera tristeza a retirada da nossa distinta companheira Dolores Diniz, que vinha exercendo com toda dedicação e

inteligência o lugar de gerente desde o primeiro número” (JORNAL DAS MOÇAS, 07/08/1926, p.4).

Dolores Diniz não apenas deixa o espaço público por causa do casamento, ela também deixa o Rio Grande do Norte e vai morar na Paraíba, na cidade de Campina Grande (PB). O motivo da mudança de estado foi devido a crise do comércio de Caicó, pois a cidade de Campina Grande, por sua vez, prosperava nessa área. Sobre a sua mudança de estado o Jornal das Moças publicou: “Levando os nossos justos agradecimentos cheios de nossas saudades à querida amiguinha que por tanto tempo esteve conosco, fazemos votos pela sua felicidade pessoal e de seu novo estado” (JORNAL DAS MOÇAS, 07/08/1926, p.4).

Ao folhear as edições posteriores do Jornal das Moças, em especial a edição de 15 de agosto de 1926, verifica-se que a função de gerente fora ocupada por Santinha Araújo, até então colaborado da folha. A atuação de Dolores Diniz Sua como gerente foi de êxito, de estabilidade e de aceitação perante a sociedade de Caicó, numa época em que se torna figura pública era direito apenas dos homens: “A nossa querida ex-companheira, a quem o Jornal das Moças deve o melhor de sua estabilidade, de seu brilho e de sua aceitação, levamos os nossos sinceros votos de felicidades” (JORNAL DAS MOÇAS, 15/08/1926, p.2).

Nos textos de Dolores Diniz, sobretudo nos seus discursos em eventos de relevo como o Festival Lítero-artístico, promovido pelo ‘Jornal das Moças’ e realizado no teatro Avenida, um dos endereços da cultura local. A folha feminina publicou na edição de 15 de agosto de 1926 trechos da fala de Dolores Diniz na abertura do evento e destacou a importância do Jornal das Moças:

O Jornal das Moças é uma bela cintilação da inteligência feminina, porém, é, mais ainda, um padrão de trabalho de amor e de virtude. Em pleno século XX, meus senhores e minhas senhoras, quando o liberalismo feminino se levanta [...] a moça de Caicó conseguiu esse triunfo, essa idéia, esse pensamento com a criação do seu jornal (JORNAL DAS MOÇAS, 15/08/1926, p.2).

Ainda com relação ao seu discurso Dolores Diniz convida toda a sociedade que se fazia presente naquele evento, principalmente o público feminino, para levantar a bandeira em defesa do jornal, da sociabilidade das moças da cidade, como também o desenvolvimento da inteligência feminina norte-rio-grandense. Entretanto, ela

encontrava mulheres que atendiam ao seu pedido; uma colaboradora do jornal que assina como ‘Violeta’ emite a sua opinião:

Foram dez dias de risos, esperanças e amores e ilusões. No meio de tanto encantamento em que os corações jovens se deixaram embriagar no perfume que envolve o ar nesses dias de gala, só uma coisa me fez triste e pensativa – não ter ido a festa do Jornal das Moças (JORNAL DAS MOÇAS, 15/08/1926, p.2).

Era o desejo das mulheres de Caicó em conquistar novos espaços na sociedade. A vida moderna exigia novas formas de comportamento. O jornal era um espaço privilegiado, pois chegava aos lares e levava consigo assuntos e discussões que transcorriam fora do espaço privado.

Nesse ínterim de agitação, em que tudo parecia novo, as mulheres, que eram educadas para o espaço privado, começaram a despertar suas inquietações para também participar daquele momento, que até então poucos tinham acesso; as “*maravilhas da modernidade*”. Esse espírito de modernidade é presente em um trecho do discurso de Dolores Diniz na abertura do Festival Lítero-artístico: [...] queremos as alturas condoreiras, galgar nas asas do optimos, andar de braços com a evolução [...], que encontra apoio na civilização cosmogônica das grandes cidades (JORNAL DAS MOÇAS, 15/08/1926, p.2).

No entanto, apesar do discurso que aborda as questões femininas e o desejo de conquistar direitos sociais, a gerente abandona seu trabalho após o casamento. Afirimo isso no sentido de opção pessoal, da vida privada, pois os espaços, conforme já foi abordado, eram distintos, ou seja, naquele recorte temporal, a mulher não exercia ainda a jornada dupla de trabalho no público e no privado.

A partir daquele momento, Dolores Diniz deixa o espaço público, conquistado através das suas práticas de escrita, sobretudo, as suas práticas de gestão, função esta exercida exclusivamente fora do lar pelo homem, para dedicar-se ao casamento. Esta atitude da ex-gerente do ‘Jornal das Moças’ representa a maneira que a sociedade vigente naquele período pré-estabelecia para os destinos das mulheres. Mesmo detentora de ideias e pensamentos que iam de confronto com as normas sociais, como o direito de voz à mulher, por exemplo, Dolores Diniz fez-se calar. A gerente faleceu em 05 de abril de 1999, aos 97 anos de idade, em João Pessoa, Paraíba.

Maria do Céu Pereira Fernandes por meio de o Galvanópolis

A mulher no Rio Grande do Norte teve uma participação política de destaque. Maria do Céu Pereira Fernandes foi a primeira deputada do Brasil. Suas práticas também estavam voltadas para a imprensa da sua terra natal, a cidade de Currais Novos, no Seridó do Rio Grande do Norte. Maria do Céu fundou o jornal O Galvanópolis, em 1931. Sob a direção do referido periódico Maria do Céu Pereira Fernandes assiste-se ao triunfo da vanguarda feminina transformadora, do seu papel marcante na vida social, política e cultural da sociedade currais-novense (BARROS; SANTOS, 2004).

Em um dos seus textos, com o título Porque não recusei, veiculado na primeira edição da folha, datada de 30 de março de 1931, na ela informa aos seus leitores porque aceitou gerenciar o jornal:

A bondade do povo de minha terra deu-me idoneidade para o honroso encargo que me quis confiar; viu-me asseosa para desempenhá-lo; criou em mim uma personalidade que está muito além do meu valor intrínseco, sob o nome de dever, combateu com a minha imperícia e venceu. Que me resta fazer? Aceitar a incumbência? Fi-lo. Ao povo do Galvanópolis, sobretudo aos que constituem o C. N. F. C., agradeço, do íntimo da alma o modo fidalgo com que me distinguiu, a bondade que será incentivo para a realização deste grande empreendimento. (O GALVANÓPOLIS, n. 1, Ano 1, 30 mar. 1931, p. 1).

O jornal foi batizado como esse título representava o conflito de identidade que conduzia a realidade da população e dos paradigmas de modernidade em viva o Brasil desde a Semana de Artes Moderna, em 1922, em São Paulo. Acreditava que uma urbe moderna não poderia ser reconhecida com um nome que remetesse às características rurais, como Currais Novos. Por isso, acatou-se uma sugestão de Ulisses Telêmaco de Araújo Galvão, um dos pioneiros da imprensa local, como também um grupo de intelectuais defendia que a cidade também deveria ser chamada de Galvanópolis, uma alusão à família Galvão, responsável pelo povoamento da região.

Todavia, o desejo do grupo de intelectuais não surtiu efeito. O município continuou com a nomenclatura de Currais Novos, contudo resolveram nomear um dos jornais da cidade com o título O Galvanópolis, respeitando as convicções e espírito de modernidade.

Sobre o jornal o autor Melo (1987) aborda que o jornal era dedicado à literatura, desportos e notícias. Em seu primeiro ano, a folha tinha periodicidade quinzenal, possuía quatro páginas. Ele circulou de 30 de março de 1931 a 15 de novembro de 1932, com um total de 43 edições.

A primeira página de O Galvanópolis permaneceu inalterada até a vigésima quarta edição, estando na parte superior da revista, a data de publicação, o número da edição, sua periodicidade e o nome da diretora do jornal: Maria do Céu Pereira. Logo abaixo, um cabeçalho para identificação formado pelo título em maiúsculas arredondadas; seguido do subtítulo Órgão Oficial do Currais Novos F.C. A partir do segundo ano em diante, substituiu o subtítulo por Órgão Independente. Foi o que aconteceu com os colaboradores de O Galvanópolis. A exemplo de Manoel Rodrigues de Melo, cujos pseudônimos eram Rodrigues Filho e Juvenal Galeza, Everton Cortez, que usava G. Nerino e Tristão de Barros, com os pseudônimos Tob Jim e Cleto Jatobá. Maria do Céu Pereira, entretanto, não adota tal recurso e sempre assina seus textos com seu próprio nome (MELO, 1987).

Os escritos de Maria do Céu Pereira permitem perceber as marcas de um determinado período condicionado às transformações que a sociedade brasileira vivia naquele momento histórico. Nos seus textos, registrados quase sempre na primeira página do jornal, identificamos sua preocupação em discutir o progresso da nação, a religiosidade, a condição feminina e a educação.

Os textos publicados no jornal versam sobre: Comunismo, publicado no dia 7 de fevereiro de 1932; O atestado da religiosidade brasileira, registrado na edição de 11 de outubro de 1931, Semana Santa, de 30 de março de 1932, 2 de Novembro, de 8 de novembro de 1931 e Onde nosso campo de atividade, de 22 de novembro de 1931 e Livros, veiculado em 30 de agosto de 1931.

Neste último artigo, Maria do Céu assume, portanto, uma postura em defesa de uma cultura letrada. Comprometida em orientar a juventude de sua cidade, mostra-se preocupada com a relação desses jovens com os livros. Busca orientar e aconselhar seus leitores sobre a importância da prática de leitura dos bons livros, indispensáveis para a formação intelectual e moral.

Dessa forma, Maria do Céu deixa no jornal vestígios de como se desenrolava a educação dos jovens. No primeiro número do jornal Maria do Céu revela aos seus conterrâneos a alegria do grandioso acontecimento representado pelas primeiras folhas desse novo periódico:

Elas vem com a singeleza e a timidez de quem ausculta ambientes desconhecidos, a reclamar guarida no seio dessa boa e generosa gente para uma estação o mais duradoura possível. Elas estão despojadas de reclamos relumbantes e de apresentações pomposas. Visam é cooperar com todo o ardor, com todo o entusiasmo pelo engrandecimento geral da nossa terra e exaltar os méritos e o valor inconfundíveis da nossa gente. O nosso povo, já por um

sentimento atávico, já impulsionado pela invasão irresistível das inovações sublimes que nos apresenta esse decantado século XX, é arrebatado pelos mesmos frêmitos de amor aos nobres ideais que se concretizam em outras terras (O GALVANÓPOLIS, n. 1, Ano 1, 30 mar. 1931, p. 1).

Maria do Céu revela o comprometimento com as letras e o esporte. No que se refere às letras verifica-se no jornal a prosa ou poesia, crônicas, ensaios, notas, contos, colunas, entrevistas, editorial, que ocupam mais da metade do espaço do jornal; enquanto a poesia ficou em segundo plano.

No aniversário de primeiro ano do jornal, Maria do Céu Pereira, ciente de sua responsabilidade, enquanto diretora do periódico agradece a todos que contribuíram como o sucesso de O Galvanópolis:

Graças à bondade de que têm dado provas inconcussas os nossos assinantes, garças a cooperação assídua de quantos conosco trabalham, graças ainda à valiosa perseverança dos nossos colaboradores que sempre nos prestigiaram com seu apoio, que se dignaram iluminar as páginas simples do nosso humilde jornalzinho com o fulgor da sua inteligência, vencemos o primeiro ano (O GALVANÓPOLIS, n. 2, Ano 2, 30 mar. 1932, p. 1).

Colaboradores do jornal também afirmam a vitória do empreendimento. Ewerton Cortês, em seu artigo intitulado A minha contribuição, publicado em 30 de março de 1932, ressalta que o aniversário do jornal é um dia de justas satisfações, não somente para a imprensa, mas para a cidade de Currais Novos, uma vez que a imprensa vive do povo para o povo, isto é, quando ela está inteiramente na sua missão de servir a coletividade:

A nossa imprensa sempre tem sabido corresponder a sua bela finalidade. E com desenvoltura e interesse. Com estoicismo e dedicação. Para corroborar essa afirmativa estão aí as páginas de O Galvanópolis, o jornalzinho simpático e elegante onde Maria do Céu guarda com todo carinho e desvelo o melhor da sua inteligência e do seu coração de bondade (O GALVANÓPOLIS, n. 2, Ano 2, 30 mar. 1932, p. 2).

Inicia-se, então, novos desafios e as mudanças surgem. A última edição foi publicada no dia 15 de novembro de 1932. Além das dificuldades relativas aos poucos anúncios e dos atrasos no pagamento das assinaturas, identificados na leitura dos jornais, Barros e Santos (2005) afirmam que o jornal deixou de circular também porque Maria do Céu se ausentou da cidade de Currais Novos para residir em Natal, passando a dedicar-se à campanha política, tornando-se a primeira deputada do Brasil.

Considerações finais

Os resultados de muitas idas e vindas aos arquivos públicos como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, acervos particulares e a boa vontade de historiadores e jornalistas para contribuíram para esta pesquisa com a colaboração de professores, colaboradores, bolsistas e alunos.

A pesquisa teve como objetivo reconstituir e recuperar o perfil das primeiras jornalistas e dos primeiros jornais ora gerenciados por mulheres. Observou-se também a evolução gráfica, ou seja, do manuscrito à impressão e os elementos estéticos, além da linguagem e da linha editoria dos diversos jornais analisados e catalogados, verificando a composição de sua estrutura.

Foi possível ainda, perceber todo o contexto histórico em que a sociedade estava inserida e as transformações de época, como também a importância que o jornal tinha na sociedade como meio de comunicação.

Os jornais, de maneira geral, registram diariamente a história, o movimento da sociedade e dos cidadãos comuns, esquecidos com o passar dos anos. Eles remetem a um passado e narram a história localizada e periférica, desprovida de “grandes vultos”, comum à Historiografia tradicional.

Esses jornais trazem marcas e resquícios de uma época. Desse modo, a participação das mulheres na imprensa potiguar tem como escopo reconstituir a história de um dado lugar e de um dado período.

Nesse percurso de avanços e recuos na busca aos arquivos públicos e pessoais, constatamos também que esse caminho não é uma tarefa fácil, devido à precária situação em que se encontravam os jornais. Se por um lado alguns se encontravam danificados pelas chuvas, outros estavam estragados por ação das traças e cupins. Embora o descaso no trato com os periódicos se constitua numa prática comum, é importante o registro das condições precárias em que os acervos são mantidos.

Observamos, em muitos casos, a desorganização na catalogação e manuseio de documentos, como páginas rasgadas e maltratadas pela ação do tempo, prateleiras sem referências, falta de estrutura física para arquivar jornais e revista. Naquele momento, sentimos que parte da nossa história estava destinada ao esquecimento. Daí a relevância do registro histórico da presente pesquisa com o objetivo de disponibilizar informações para professores, pesquisadores, historiadores e estudantes de jornalismo.

Com a realização desta pesquisa desejamos, além de preencher a lacuna representada pela escassez de textos sobre o tema, incentivar o prazer pela pesquisa histórica, contribuindo para a historiografia da presença de mulheres imprensa norte-rio-

grandense e, com isso, uma efetiva a interpretação dos dados coletados, construindo indicadores capazes de balizar o trabalho dos historiadores e dos cientistas da comunicação no Estado.

Referências

A MINHA CONTRIBUIÇÃO. *O Galvanópolis*. Currais Novos, p. 2, 30 mar. 1932.

BARROS, Eva Cristini Arruda Câmara; SANTOS, Iara Maria Carvalho Medeiros. A intelectual e progressista Maria do Céu Pereira: vanguarda feminina no seridó norte-rio-grandense (1931-1932). In: *Seminário de Pesquisa do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (Anais)*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2004. (Publicação em CD-rom).

CARVALHO, Isabel C. M. de, *Sutilezas femininas de Palmyra Wanderley*. Natal: Edunp, 2012.

CASCUDO, Luís da Câmara. *O livro das velhas figuras*. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1977.

COLABORAÇÃO. *Jornal das Moças*, Caicó, 28 fev. 1926.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

_____. *Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil*. Florianópolis: Mulheres, 2005.

DUARTE, Constância Lima; MACÊDO, Diva Maria Cunha Pereira de. *Via-Láctea: de Palmyra e Carolina Wanderley: Natal, 1914-1915*. Natal: Editora NAC, CCHLA/NEPAM, Sebo Vermelho, 2003.

FERNANDES, Maria do Céu Pereira. Entrevista concedida a Carlos Lyra, Alvamar Furtado e Ticiano Duarte. *Programa Memória Viva*. Natal: Televisão Universitária de Natal, 1983. 1 DVD (61 05”), Son., color.

_____. Porque não recusei. *O Galvanópolis*. Currais Novos, p.1, 30 mar. 1931.

_____. Livros. *O Galvanópolis*. Currais Novos, p.1, 30 ago. 1931.

_____. O atestado da religiosidade brasileira. *O Galvanópolis*. Currais Novos, p.1, 11 out. 1931.

FERNANDES, Maria do Céu Pereira. Onde nosso campo de atividade. *O Galvanópolis*. Currais Novos, p. 1, 22 nov. 1931.

FERNANDES, Maria do Céu Pereira. Comunismo. *O Galvanópolis*. Currais Novos, p. 1, 07 fev. 1932.

_____. 2 de Novembro. *O Galvanópolis*. Currais Novos, p. 1, 08 nov. 1931.

_____. A semana santa. *O Galvanópolis*. Currais Novos, p. 6, 30 mar. 1932.

FLORES, Conceição. *Dicionário de escritores norte-rio-grandenses: de Nísia Floresta à contemporaneidade*. Natal: Edunp, 2014.

GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Adelle de Oliveira: trajetória de vida e prática pedagógica (1900-1940)*. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2009.

GOMES, Otêmia Porpino. *Imprensa feminina: o jornal A Esperança (1903-1909)*. Dissertação (mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999.

_____. Presença feminina na imprensa potiguar. *Anais.. II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*. Florianópolis. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/2o-encontro2004-1>>. Acesso em: 05 jun 2017.

JORNAL DAS MOÇAS. Caicó, 7 fev. 1926.

_____. Caicó, 12/02/1926, p.1.

_____. Caicó, 11/04/1926, p.2.

_____. Caicó, 23/05/1926, p.4.

_____. Caicó, 04/04/1926, p.2.

_____. Caicó, 18/04/1926, p.4.

_____. Caicó, 23/02/1928, p.4.

_____. Caicó, 31/07/1926, p.2.

_____. Caicó, 15/08/1926, p.3.

MELO, Manoel Rodrigues de. *Dicionário da imprensa no Rio Grande do Norte (1907-1987)*. São Paulo: Cortez, Natal: Fundação José Augusto, 1987.

MELO Elisângela de Araújo Nogueira. Contribuição feminina à história da educação no Rio Grande do Norte: Maria Dolores Bezerra Cavalcanti. 2002. *Anais... II Congresso Brasileiro de História da Educação*. Natal. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/node/85>> Acesso em: 12 jun. 2017.

MONTEIRO, Pe. Eymard L'Eraistre. *Caicó: subsídios para a história completa do município*. 2. ed. Natal: Nordeste gráfica / Sebo vermelho, 1999.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. *Leituras de mulheres no século XIX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

O Galvanópolis. Currais Novos, p.1, 30 mar. 1931.

_____. Currais Novos, p.4, 30 mar. 1931.

_____. Currais Novos, p.1, 30 mar. 1932.

_____. Currais Novos, p.5, 30 mar. 1932.

_____. Currais Novos, p.6, 30 abr. 1932.

_____. Currais Novos, p.6, 15 nov. 1932.

O SONHO. Ceará-Mirim, n. 2, 2 fev.1908.

_____. Ceará-Mirim, n. 2, 7 jun.1908.

_____. Ceará-Mirim, n. 3, 9 ago.1908.

_____. Ceará-Mirim, n. 2, 7 jul.1908.

_____. Ceará-Mirim, n. 2, 2 nov.1908.

SURTOS DE PROGRESSO. Jornal das Moças, Caicó, 07 fev.1926.

VIA-LÁCTEA. Natal. Ano I. n. 1. nov, 1914.

_____. Natal. Ano I. n. 3. dez, 1914.

Texto recebido em: 28/06/2017.

Texto aprovado em: 10/11/2017.